

O QUE A MEDICINA DEVE AO SIRÍACO

"*Quod optimus medicus sit quoque philosophus.*" ["Que o melhor médico seja também um filósofo." — Título de uma obra de Galeno, aludindo uma passagem de Hipócrates e traduzida por Hunayn ibn Ishāq.

Evandro da Nóbrega

Escritor e jornalista, historiador do IHGP, Acadêmico benemérito da APMED

Evandro da Nóbrega, Escritor e jornalista, historiador do IHGP | Acadêmico benemérito da APMED No presente artigo, exponho *à vol d’oiseau* o conteúdo da obra *in progress*, de umas 350 páginas, versando em certa profundidade um só *leit motiv*: “o que a Medicina deve à língua siríaca”. Tal linha de estudos já se desenvolve há décadas, no Exterior; mas, no Brasil, pouco se ouve falar do assunto, razão pela qual decidi escrever sobre tal tópico, a ver se, de algum modo, esclareço possíveis leitores interessados em temáticas mais ou menos abstrusas. Afinal, como diz o especialista alemão Rüdiger Arnzen no Prefácio de um dos livros da preciosa série *Scientia Graeco-Arabica*: "Não adocemos a pílula: a crítica textual greco-árabe é paixão estranha, cultivada por pequeno e marginalizado grupo obcecado, que ainda provoca cenhos franzidos entre colegas de disciplinas vizinhas e perplexidade ou xenofobia entre os que, compreensivelmente, não dão a mínima para a Filologia."

Como pesquiso a História da Medicina há décadas, tendo já escrito cinco volumes sobre temas afins, o último dos quais foi *Capítulos para uma História da Medicina na Paraíba* [Ideia Editora, 2022, 304 páginas, Prêmio Literário “Oscar de Oliveira Castro” e que me rendeu, por unanimidade, o título de Acadêmico Benemérito da APMED], fiquei impressionado com o seguinte. Pensava-se que obras dos grandes médicos da Antiguidade, em particular os de extração greco-romana (e, de resto, não apenas médicos, mas também filósofos, matemáticos, cientistas, astrônomos, historiadores, poetas e quejandos intelectuais, como Hipócrates, Galeno, Aristóteles, Platão, Plotino e tantos outros) haviam sido salvas do esquecimento graças às traduções feitas pelos árabes, isto é, a partir dos idiomas grego e latino diretamente para a língua árabe clássica (a do *Qur’an*), o que provocara o espetacular *boom* das Ciências islâmicas — tendo essas mesmíssimas obras sido depois **RETRADUZIDAS** para as línguas originais, o que resultara na notável explosão do Conhecimento ao tempo da Renascença europeia.

Mas, em muitos casos, as coisas não se deram exatamente assim. Antes de alcançarem o idioma árabe, essas venerandas obras passaram por uma língua que serviu de intermediária: o *siriaco*, um dos dialetos do aramaico, o mesmo aramaico falado por Jesus e que por muito tempo serviu a diferentes Impérios como *língua franca* de praticamente todo o Oriente Médio. A bem da verdade, o aramaico foi *a primeira língua universal da Humanidade*, como depois o seriam o latim, na Idade Média, e o inglês, nos dias que correm.

Começemos, pois, com o aramaico ou arameu, língua semítica, como outras que logo veremos. As línguas semíticas constituem apenas UM dos dois imensos ramos de uma realidade bem maior: a família das línguas afro-asiáticas (camito-semíticas ou hamito-semíticas ou semito-hamíticas ou afrásicas), reunindo mais de 400 línguas e dialetos, algumas delas faladas por milhões de utentes, no Oeste da Ásia, Norte da África, Corno de África, partes do Sahara e Sahel, muitas delas com respeitável tradição literária. O próprio siríaco, que começou como modesto dialeto aramaico, depois se tornou respeitável língua, por si própria, com admirável riqueza cultural. Quarta maior família linguística do Planeta, os idiomas afro-asiáticos compõem-se de duas divisões principais: 1) o **semítico** (ramo oriental) e 2) as **línguas africanas** (mais ao Ocidente, especialmente na África). Das línguas semíticas, interessam-nos aqui, para tornar mais claras as definições, o aramaico e seu dialeto conhecido como siríaco. Este dialeto veio a se dividir em dois, 1) o **siríaco oriental** e 2) o **siríaco ocidental**, por motivos por assim dizer... cristológicos — o que já explicaremos. Por seu turno, os dois dialetos siríacos se constituíram em línguas de fato e de direito, com benfazejas consequências.

O siríaco oriental foi (e em certa medida ainda o é) a língua dos dissidentes nestorianos expulsos do mundo romano/bizantino, vale dizer, do Império Romano do Oriente ou do Império comandando desde Bizâncio/Constantinopla (hoje Istambul) para o mundo persa/sassânida e que constituíram o Reino de Osroena, com capital em Edessa, que obviamente não deve ser confundida com a Odessa hoje disputada por Rússia e Ucrânia.

Edessa, capital do Reino de Osroena [Osrhoene, Osroëne etc], situava-se no norte da Mesopotâmia, entre as cabeceiras dos rios Tigre e Eufrates, nos primeiros séculos da Era Cristã. Ponto crucial a entender: os árabes que circundavam a área não alimentavam o menor interesse em conhecer o grego. Mas os falantes de outra língua semítica, os cristãos de fala siríaca, tinham a maior preocupação em saber bem a língua dos helênicos, *pois os Evangelhos de seu credo estavam escritos no grego da koiné*. Esses cristãos orientais nestorianos não se limitaram a

traduzir para o siríaco as Escrituras cristãs e, logo depois, a inteira *Bíblia*, traduções sintetizadas na *Peshitta* [“A Simples”]: também se tornaram eruditos tradutores de importantes obras da Cultura greco-romana, vertendo para o siríaco tratados médicos, históricos, linguísticos, divinatórios, matemáticos, filosóficos, lógicos, astrológicos, astronômicos, científicos etc.

Se os latinos contavam com a *Vulgata*, a *Bíblia* “em língua vulgar”, graças ao tradutor Jerônimo, por que os cristãos das comunidades siríacas não podiam dispor, em seu idioma materno, de uma versão “simples” das Escrituras Sagradas, que lhes eram caras? Então, entenda-se a *Peshitta* como a *Vulgata* dos cristãos dissidentes, perseguidos pelos partidários do Concílio de Calcedônia. Nem só os nestorianos, utentes do *siríaco oriental*, traduziam obras para seu falar materno: também os de outra “seita” ou heresia, os “monofisitas”, falantes do *siríaco ocidental*, dedicavam-se a esse mister de translação linguística. Os monofisitas eram também chamados de “jacobitas”, *apud* o bispo (apenas nominal) de Edessa, no século VII, Ya’qub (Jacó, Jacob) de Tella ou Jacob Baradaeus.

O que na Antiguidade se entendia por “Síria” era uma realidade bem diferente do que hoje é o país oficialmente chamado Síria. Os sírios de hoje NÃO falam “sírio”, mas árabe, num processo que se iniciou no século VII d.C. com as invasões islâmicas também nessa parte do mundo, a partir da Península Arábica. As fronteiras da “Síria” mudaram tremendamente, desde os tempos pré-cristãos até nossa era, dependendo da quadra histórica, sendo a área dominada sucessivamente por povos diversos, como os assírios, caldeus, persas, romanos, bizantinos *et alii*.

Foi na Síria que surgiram alguns dos primeiros grupos cristãos logo nos anos iniciais do Cristianismo. Com os primeiros cristãos, apareceram também problemas como as chamadas heresias: arianismo, apolinarianismo, montanismo, sabelianismo, eutiquianismo, macedonianismo, pelagianismo, monofisismo, nestorianismo, origenismo, monotelismo, gnosticismo, iconoclastia... Se fôssemos falar sobre todas essas controvérsias religiosas surgidas ao longo dos tempos e os respectivos Concílios arquitetados para resolvê-las, seria um não mais acabar e terminariamos escrevendo outro alentado livro. Aliás, já se viram escritas obras e mais obras, inclusive tomos de enciclopédias, ensejando sesquipedal bibliografia, em que não pretendemos navegar, a não ser esporádica e superficialmente, estando assim totalmente fora do escopo do presente artigo. Limitar-nos-emos, aqui, ao **CONCÍLIO DE**

CALCEDÔNIA, aquele que provocou a cisão entre os cristãos ocidentais e orientais, com dramáticas repercussões no processo de tradução das obras greco-romanas.

As traduções siríacas dos nestorianos, em mosteiros, madraças e escolas de tradutores, em Edessa, primeiramente fizeram a glória da civilização islâmica: os livros traduzidos de filósofos como Aristóteles e os neoplatônicos, de médicos como Hipócrates e Galeno, além de muitos outros luminares da Cultura greco-romana, obraram *verdadeira revolução na cultura islâmica*. Aí vieram os tradutores da Escola de Bagdá, na Casa da Sabedoria [بَيْتُ الْحِكْمَةِ = Bayt al-Ḥikmah], a partir do Califado abássida, bem como as retraduições operadas em Salerno (na Campânia, sul da Itália), que se destacou, entre a Idade Média e o Renascimento, por sua escola de Medicina, a famosa **SCHOLA MEDICA SALERNITANA** (século IX), uma das mais vetustas instituições de ensino médico na Europa. Quando o Califado abássida assumiu o Poder, deu todo apoio à Escola de Tradutores de Bagdá, onde se destacava Hunayn ibn Ishaq [Joãozinho, filho de Isaque], em latim Johannitius. Conhecia bem grego, hebraico, siríaco e árabe. Teve um filho, também tradutor, de nome Ishāq ibn Ḥunayn [Isaque, filho de Joãozinho].

Por motivações político-religiosas, o siríaco tornou-se *língua* de pleno direito, um *idioma*, “a língua de um povo”, tanto que se separou, desde o Concílio da Calcedônia (451), em duas entidades bem concretas: 1) o **siríaco oriental**, adotado pelos nestorianos e que usavam a variedade do alfabeto siríaco chamada de “swadáyā”; e 2) o **siríaco ocidental**, o falar dos jacobitas, utilizando a escrita “serto” ou “sertâ” do alfabeto estranghelo, um tipo de escrita do aramaico. Embora com designações diferentes, as escritas do hebraico, aramaico e siríaco parecem estranhas umas às outras, mas só na aparência: no fundo, são abjads (alfabetos só de consoantes) bem parecidos. Se você fizer um quadro alinhando os alfabetos fenício, aramaico, siríaco, hebraico (e até o grego) verá quão semelhantes são!

Ao contrário do que se supunha, não foram apenas as *traduções árabes* que “salvaram” do esquecimento as obras e demais escritos médicos, filosóficos, literários etc., dos antigos gregos e romanos. Em alguns casos, as *traduções siríacas*, servindo de intermediárias, na Idade Média, entre essas duas línguas clássicas e o árabe contribuíram em muito para que os tesouros científicos e literários greco-latinos fossem depois *retraduzidos* para as línguas originais, formando então aquela rica base em que se desenvolveu o Renascimento europeu. Ocorre que os cristãos de fala siríaca, com base em Edessa, no Norte da Mesopotâmia, em Bagdá e noutros vibrantes centros de Cultura, nos primeiros séculos de nossa era, desenvolveram intensa

atividade de traduções de obras de médicos (Hipócrates, Galeno), de filósofos (Aristóteles, neoplatônicos) e de outros luminares. Mas por que essas traduções eram feitas inicialmente *para o siríaco* e, depois, vertidas para o árabe clássico? Porque, para os árabes, era muito mais fácil trasladar do siríaco para o árabe (duas línguas *semíticas*) do que traduzir diretamente do grego e do latim (dois idiomas *indo-europeus*). Depois ainda, especialmente no Império Bizantino, Espanha e Itália, é que tais textos importantes ganharam *retraduções* para as línguas originais, enriquecendo sobremaneira a Cultura da Renascença.

Mas que língua é essa, o siríaco, que parece ter assumido no Medievo importância igual ou superior ao próprio árabe? Bem, o siríaco (que não deve ser confundido com o “sírio”, o árabe hoje falado no país do Oriente Médio chamado Síria) é também, como já dito e redito, uma língua *semítica*, como o hebraico, o aramaico, o árabe e muitas outros idiomas do ramo oriental da imensa família de línguas afro-asiáticas. O siríaco começou como um dialeto do arameu ou aramaico, falado no Reino de Aram (ou Aram-Damasco), que ainda não era árabe, porque não tomado pelas invasões islâmicas do século VII d.C. e épocas posteriores. Prova de que o siríaco era mesmo uma língua *per se* é que, depois, dividiu-se em duas variedades principais, o siríaco ocidental e o siríaco oriental. Isso pelo que aconteceu no Concílio da Calcedônia, realizado no ano de 451 de nossa era, na cidade hoje turca e modernamente rebatizada como Kadiköy, mas a qual, por esses recuados tempos integrava a Província da Bitínia, no Império Romano do Oriente.

Tal Concílio fora convocado pelo imperador Marciano ((*circa* 392-457, *regnavit* 450-457)). Patrocinando o Concílio da Calcedônia, o imperador Marciano desejava dirimir brigas teológicas, diria mesmo *cristológicas*, em particular com relação à natureza de Jesus — disputas essas acirradas desde o último Concílio de Éfeso (432 depois de Cristo). As confusões iniciaram-se nesse Concílio, realizado na importante cidade de Éfeso, na Ásia Menor, mas que hoje são apenas ruínas turcas, perto da cidade de Selçuk, distrito de Esmirna, e a cerca de 8 km do Mar Egeu. Esse Concílio anterior ao da Calcedônia fora convocado por outro imperador, Teodósio II, a fim de tentar solucionar a disputa religiosa envolvendo as ideias de Nestório, patriarca de Constantinopla. O Concílio efésio terminou por condenar as doutrinas nestorianas.

Acreditem: por causa de disputas religiosas desse gênero, já morreu *muita* gente no mundo! Se houve muita confusão no Concílio de Éfeso, o da Calcedônia piorou as coisas, resultando em significativa cisão na Igreja cristã. Condenou a doutrina do monofisismo (que defendia ter

Jesus apenas uma natureza divina) e adotou o diofisismo (Jesus tem duas naturezas, a humana e a divina, numa única pessoa). Tais vereditos foram aceitos pelas Igrejas de Roma, Constantinopla e Antioquia. Mas, no Egito e em Alexandria, onde predominava o monofisismo, houve resistência tão forte que a coisa resvalou para um cisma entre as igrejas orientais ortodoxas.

A resistência às conclusões do Concílio de Calcedônia cindiu as Igrejas Orientais Ortodoxas, que rejeitaram as decisões da Calcedônia, e as Igrejas Católica Romana e Ortodoxa Oriental, que aceitaram o concílio. Esse inacreditável cisma, por motivos que, hoje, para nós, se afiguram como questões verdadeiramente... bizantinas, resultou na formação de igrejas como a Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria, que ainda hoje se distingue das igrejas calcedônicas. Os nestorianos foram oficialmente banidos, tendo que se refugiar mais para o Oriente, onde ocuparam a prefalada cidade de Edessa, capital do Reino de Osroena, visto no mapa em anexo.

Das línguas aramaicas, com mais de três mil anos de História atestada, derivaram vários dialetos, tratados em meu novel livro, com base nas mais recentes pesquisas de especialistas no legado semítico, como o *Companion to the Ancient Near East*, de 1 mil 15 páginas, editada por Daniel C. Snell [Blackwell Publishing, 2005]. Dialetos do aramaico (com ênfase para o neo-aramaico ocidental) ainda são falados por pequenos grupos étnicos dentro do "mar" de línguas/dialetos do Oriente Médio, principalmente no Nordeste da Síria, bem como nas regiões montanhosas do Norte do Iraque, Turquia oriental e Noroeste do Irã. Já o siríaco praticamente se extinguiu *como idioma falado*, paulatinamente, entre os séculos X e XII da Era Comum, persistindo tão só como língua litúrgica para vários grupos cristãos (igrejas síria, siríaca, maronita, cristã-iraquiana etc).

Essa parte do mundo, a “Grande Síria”, por abrigar bem a Oeste a Fenícia, privilegiou-se mais que outras áreas, haja vista que exatamente aí viu-se inventada a escrita, a começar pela contribuição mesma da Suméria, na Baixa Mesopotâmia, e, depois, de forma decisiva, com a colaboração dos fenícios, já na borda mais oriental do Mediterrâneo, fazendo culminar esses avanços com a criação do "pai" de todos os alfabetos ora em uso. De modo que historiadores e outros *scholars* têm a sorte de encontrar nessa vasta área documentos também em ugarítico, cuneiforme, fenício, egípcio antigo, egípcio hieroglífico, egípcio médio, egípcio demótico, copta, aramaico, hebraico, siríaco, árabe, sul-arábico e ge'ez (etiópico clássico), entre outros idiomas e escritas.

Quando os modernos historiadores da Medicina descobriram o papel fundamental desempenhado pelos cristãos de fala siríaca para o *boom* científico do Islã, começaram a surgir obras bem fundamentadas sobre o assunto. Exemplos: 1) *The Syriac Fathers as Preservers of Hellenism*, de S. Brock; e 2) outras coletâneas de ensaios sobre eruditos de extração siríaca, como Sérgio de Resh'aina, do século VI, traduziram obras gregas de Medicina, Filosofia etc, estabelecendo metodologias posteriormente adotadas por tradutores árabes. Sérgio foi um dos primeiros desses tradutores, particularmente de Aristóteles e Galeno.

Figura 1: Mapa do Império Armênio, ao tempo do rei Tigranes II, com o Reino de Osroena e sua capital Odessa, na Alta Mesopotâmia, entre as cabeceiras setentrionais dos rios Eufrates e Tigre.



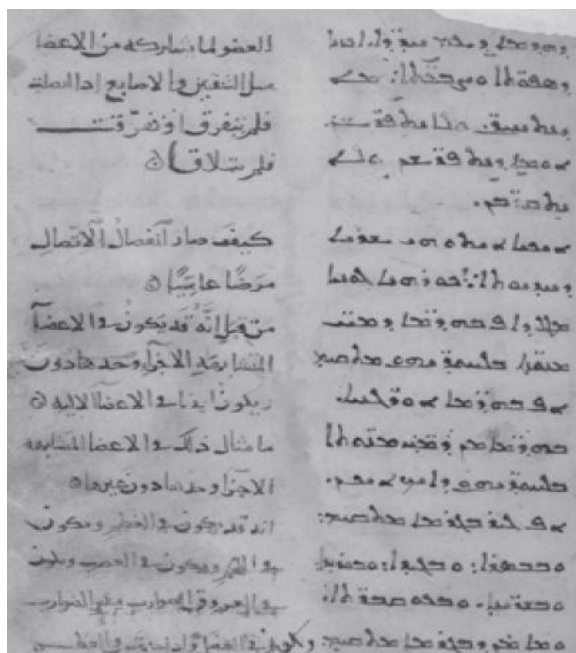
Fonte: Wikipédia

Figura 2: Na parte direita da página, vê-se o texto siríaco, tendo à esquerda sua tradução inglesa, conforme a obra *Hunain ibn Ishaq's "Questions on Medicine for Students": Transcription and Translation of the Oldest Extant Syriac*

Folio 107r	
1. of the organs which are beside each other, such as	1. من الأعضاء المجاورة كالفم واليد
2. the lips and the fingers, when	2. الشفتين والأصابع إذا لم تكن
3. they are joined and cannot be separated,	3. متصلة ولا يمكن فصلها
4. or when they are separated and	4. أو إذا كانت مفصولة
5. cannot be approximated.	5. لا يمكن تقريبها
6. How is the "interruption	6. كيف هي انقطاع
7. of integrity" a common malady?	7. من الأعضاء؟ مرض مشترك؟
8. Because it exists both in organs	8. لأنه موجود في الأعضاء والأجزاء
9. with exclusively uniform components, ¹	9. مع مكونات متجانسة حصرياً
10. (and) also in the compound organs.	10. (و) أيضاً في الأعضاء المركبة
11. In the organs with uniform	11. في الأعضاء ذات المكونات
12. components what is it like?	12. المكونات المتجانسة، ما هي؟
13. It (may) exist in the bone,	13. قد توجد في العظام،
14. and in the flesh, and in the	14. وفي اللحم، وفي الأعصاب،
15. nerves, and in the veins,	15. وفي الأوردة، وفي الشرايين،
16. and in the arteries, and in the	16. وفي العضلات.
17. And indeed, when it exists in	17. وبالفعل، عندما توجد في
bone,	العظام،

Fonte: Internet (Google)

Figura 3: O manuscrito original do mesmo fólio 107 (reto) do códice siríaco cuja tradução inglesa é apresentada na Ilustração 02.



Fonte: Internet (Google)

Referências

ARISTOTLE. **Physics VIII**. Traduzido para o árabe por Ishāq ibn Hunayn (séc. IX). Ed. e introd. por Rüdiger Arnzen e Pieter Sjoerd Hasper. Berlin/Boston: De Gruyter, 2000. (Scientia Graeco-Arabica, v. 30). 289 p. ISBN 978-3-11-057699-3.

ḤUNAYN ibn Ishāq. **Questions on Medicine for Scholars**. Trad. Paul Ghalioungui; ed. crítica de Galal M. Moussa. Cairo: al-Ahram Center for Scientific Translations, 1980. 213 p.

ḤUNAYN ibn Ishāq al-‘IBĀDĪ. **Über die syrischen und arabischen Galen-Übersetzungen**. Trad. e ed. Gotthelf Bergstraesser. Leipzig: Deutsche Morgenländische Gesellschaft, 1925. 124 p.

NISSEN, Cécile. **Prosopographie des médecins de l'Asie Mineure pendant l'Antiquité classique I: Catalogue des médecins**. Paris: École Pratique des Hautes Études, Collection des Sciences Historiques et Philologiques, 2006.